

LÍNGUA, TERRITÓRIO E VARIAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE AS CRENÇAS E AS ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS FALANTES DE MAURILÂNDIA, EM GOIÁS

Vanessa Pereira dos Santos¹ (AC – vanessasantosvp60673@gmail.com)*, Anderson Braga do Carmo¹ (PO).

¹Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435, Conjunto Hélio Leão, CEP: 75860-000, Quirinópolis, Goiás.

Resumo: Ao considerarmos que a língua portuguesa se manifesta de forma heterogênea nos vários cantos do Brasil, o presente estudo buscou compreender as crenças e as atitudes linguísticas dos falantes de Maurilândia, em Goiás. Dessa forma, utilizamos a Sociolinguística em articulação com a Lexicologia para descrever os efeitos de sentido produzidos pelos informantes da pesquisa quanto ao funcionamento e uso da variedade da língua portuguesa falada no município. Sabe-se que a relação entre identidade e diferença se manifesta pelas variedades regionais de uma língua, logo, fatores como a origem geográfica determinam a interação entre os seus falantes, bem como as crenças e as percepções destes sobre o vernáculo. Para tanto, a fim de mobilizarmos as categorias advindas da Sociolinguística, considerou-se os textos de Aguilera (2008), Lambert (1966) e Lourenço (2012); para se entender os conceitos de “crenças e atitudes linguísticas”, buscou-se aporte teórico em Etto e Carlos (2017), Cezario e Votre (2011) e Lacerda, Cavalcante e Lucena (2022); e no que se refere à área da Lexicologia pesquisou-se em Biderman (1996 e 2001) e Basílio (2013), dentre outros. A pesquisa em tela apresenta metodologicamente caráter descritivo-exploratório, e efetivou-se a partir da aplicação de um questionário *on-line* aos habitantes do município de Maurilândia, em Goiás. Assim, foram analisadas as respostas das perguntas presentes no questionário sócio-lexical aplicado aos informantes, as quais procuraram investigar como aspectos socioculturais diversos influenciam na forma como os maurilandenses expressam sua identidade por meio da linguagem, a sua relação com a variação linguística, bem como as inseguranças, as crenças, as percepções e as atitudes relacionadas à manifestação da linguagem no município goiano.

Palavras-chave: Regionalismo. Variação Linguística. Crenças e atitudes linguísticas. Sociolinguística. Lexicologia.

Introdução

A Sociolinguística defende que a sociedade e a língua possuem uma relação que não pode ser desvinculada, dessa maneira, ao realizar estudos nesta área consideramos que os fenômenos linguísticos sofrem influência de aspectos exteriores como regionalidade, mercado de trabalho, *status* socioeconômico, grau de escolaridade, faixa etária, gênero e vários outros (BAGNO, 2009). Visto isso, esse estudo se pauta nesta perspectiva teórica em articulação à Lexicologia para a sua concretização. Ademais, ao analisar uma comunidade de fala devemos considerar fatores sociais, culturais e históricos para se conhecer como a língua funciona e também como é percebida.

Essa pesquisa possui como principal objetivo descrever e analisar as crenças e atitudes linguísticas dos falantes de Maurilândia, em Goiás, frente à forma de

expressarem a sua identidade pela linguagem. Então, a partir de uma abordagem social e discursiva da língua, também se buscou investigar se os falantes de Maurilândia possuem alguma insegurança linguística que os leve a querer falar ou imitar os falantes de outras regiões e verificar se eles apresentam alguma maneira própria de falar (regionalismos, sotaques ou outros elementos de língua).

Isto posto, as questões nortearam a nossa investigação foram: quais são as percepções dos falantes de Maurilândia sobre a forma como se expressam linguisticamente? Existem elementos de linguagem que são próprios dos falantes de Maurilândia? Estes elementos contribuem para o estabelecimento de uma identidade para este sujeito, enquanto habitante de Maurilândia e falante de língua portuguesa? As especificidades da regionalidade da língua são avaliadas de forma positiva ou negativa pelos falantes da cidade?

Desse modo, a pesquisa tem como base as reflexões de Aguilera (2008), Lambert (1966), Lourenço (2012), Etto e Carlos (2017), Cezario e Votre (2011), Lacerda, Cavalcante e Lucena (2022), Biderman (1996; 2001) e Silva (2014), os quais foram fundamentais para a realização desse estudo. Assim, a partir dos pressupostos destes autores, os quais se concentram no âmbito da Sociolinguística Variacionista e da Lexicologia, mobilizamos conceitos e categorias que foram fundamentais para se compreender a relação entre língua, crença e identidade, bem como as atitudes linguísticas dos falantes da cidade em tela.

Maurilândia é um município brasileiro que fica localizado no interior do estado de Goiás. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2021), a sua população está estimada em 14.568 habitantes e sua economia advém da produção agrícola, da pecuária e do comércio urbano. Assim, é notório que os falantes desse município tragam aspectos relacionados a esta realidade ao interagirem, o que influencia na forma como se comunicam.

A metodologia aplicada à pesquisa tem caráter descritivo-exploratória. Para tanto, as ferramentas utilizadas na coleta de dados aconteceram por meio da aplicação de um questionário *on-line* a 31 habitantes de Maurilândia, em Goiás.

É preciso destacar que ao concebermos que a linguagem tem a função de estabelecer uma identidade social aos falantes de uma região, verifica-se que a heterogeneidade constitutiva promove tanto um conjunto de crenças relacionadas à

variedade da língua portuguesa manifesta, quanto permite performar atitudes frente a essa realidade. São estas variáveis que iremos apresentar no espaço deste estudo.

Considerações Metodológicas

A forma pela qual o sujeito manifesta-se linguisticamente é capaz de carregar significativas marcas e informações, as quais constituem-se enquanto fatores determinantes para a sua constituição identitária. Aguilera (2008, p.105-106) teoriza que a atitude linguística assumida pelo falante “implica a noção de identidade, que se pode definir como a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro.” Assim, a linguagem apresenta um papel capaz de definir a identidade do falante. No que se refere às atitudes linguísticas, Lambert e Lambert (1966) afirmam:

Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 77-78).

Desse modo, entendemos que as atitudes linguísticas vão se constituindo por meio desses acontecimentos vividos pelo falante. A Sociolinguística analisa e busca compreender o real uso da língua e suas variedades. “O estudo da variação como característica inerente à natureza da linguagem é a proposta central de Labov, cuja abordagem é definida como Sociolinguística Variacionista, ou Laboviana.” (LACERDA; CAVALCANTE; LUCENA, 2022, p. 440).

Segundo Silva (2014), a identidade aparenta ser inicialmente algo de fácil definição, porque ela é aquilo que se é: “sou goiana”, “sou médica”, sendo assim, ela é independente, já a diferença funciona na relação oposta entre as identidades, no outro: “ele é professor” “ela é estudante”, logo, ela é caracterizada por aquilo que não se é, dito isso, podemos perceber que esses dois conceitos possuem uma relação de dependência.

É preciso destacar que esse estudo se configura enquanto uma pesquisa de campo. Segundo Gil (2002, p. 53), ao desenvolver um estudo de campo, o

pesquisador “realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo.” Assim, o *corpus* da pesquisa foi constituído por meio da aplicação de um questionário *on-line*, composto de 17 perguntas, para 31 habitantes de Maurilândia, em Goiás. A partir da nossa aplicação, foi possível dividi-los em dois grupos, de acordo com a sua faixa etária e gênero. O primeiro grupo foi composto por pessoas que possuem a idade entre 0 e 30 anos e o segundo grupo de pessoas entre 30 e 60, sendo que no primeiro grupo temos 12 entrevistados do sexo feminino e 4 do sexo masculino e no segundo grupo temos 9 entrevistados do sexo feminino e 6 do sexo masculino.

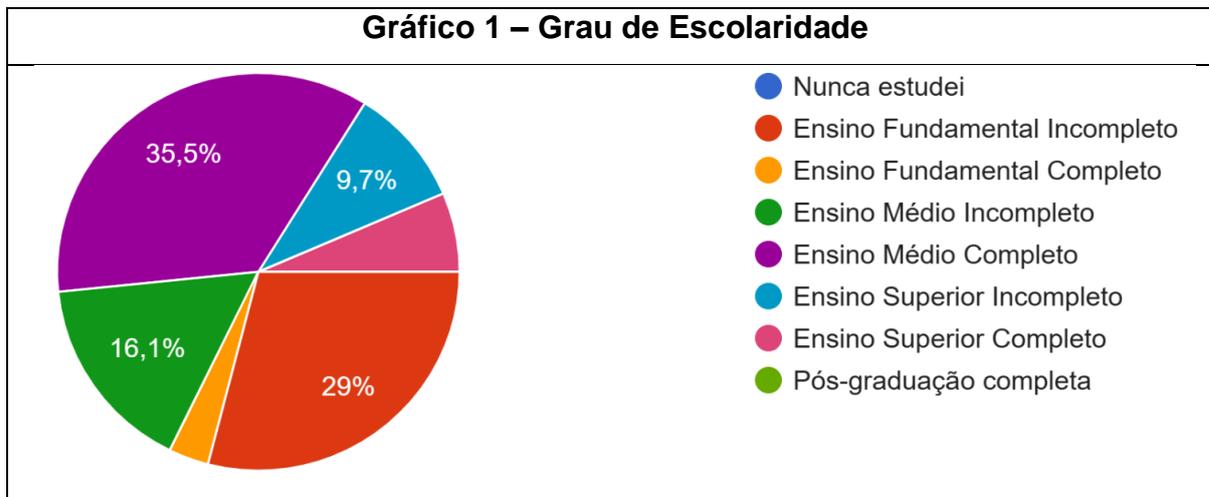
Dessa forma, nesse tipo de pesquisa o foco no real é essencial para que se possa compreender as especificidades da comunidade a ser pesquisada. A metodologia aplicada à pesquisa foi a descritivo-exploratória. Portanto, “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.” (GIL, 2002, p. 42).

Destaca-se ainda que se trata de uma pesquisa qualitativa, na qual consideramos o tempo, o local e a cultura para entendermos as crenças e os valores constituídos por esta comunidade.

Resultados e Discussão

No que se refere à caracterização do grupo investigado, as respostas estabelecidas para as perguntas de 1 a 8 do questionário aplicado nos permitem afirmar que 71% dos habitantes investigados nasceram na cidade de Maurilândia, o que é fundamental para este estudo. Ademais, como já informado, há um desequilíbrio em relação ao fator gênero, visto que 67,7% dos informantes são mulheres e 32,3% do grupo é composto por homens.

Também, no que se refere às variáveis de idade e gênero, entre os informantes que possuem de 0 a 30 anos, 75% são mulheres e 25% são homens e dos que possuem de 30 a 60 anos, 60% são mulheres e 30% homens. Já para observarmos o fator escolaridade, vejamos o gráfico abaixo:



Fonte: os autores, 2023.

O nível de escolaridade se estabelece da seguinte forma: 35,5% dos informantes possuem Ensino Médio Completo, 29% possuem o Ensino Fundamental completo, 16,1% Ensino Médio Incompleto, 9,7% Ensino Superior Incompleto, 6,5% Ensino Superior Completo, 3,2% Ensino Fundamental Completo e nenhum informante nunca estudou ou possui Pós-graduação completa. O nível de escolaridade é um fator importante na formação do sujeito, já que a escola possui uma estrutura sociocultural que expressa os valores socialmente construídos, o que mostrou pertinência para o estudo sociolinguístico que produzimos. No que diz respeito à continuidade dos estudos, 67,7% não estão estudando no momento, enquanto 32,3% estão em formação.

Com o propósito de elucidar a pesquisa realizada, selecionamos algumas respostas da pergunta 9 do questionário, a qual possuía o seguinte questionamento: “Você acha que as pessoas que nascem e moram em Maurilândia possuem uma forma própria de falar/se comunicar?”. Para tanto, obtivemos os resultados apresentados na tabela abaixo:

Tabela 1			
Informantes	Quantidade	Porcentagem	Resposta
01, 05, 06, 13, 15, 20, 22, 24, 25, 27, 28, 29, 30 e 31	14	45,2%	Sim
02, 07, 09, 10, 11, 16, 17, 18, 19, 21, 23	12	38,7%	Não

Tabela 1			
Informantes	Quantidade	Porcentagem	Resposta
01, 05, 06, 13, 15, 20, 22, 24, 25, 27, 28, 29, 30 e 31	14	45,2%	Sim
e 26			
03, 04, 08 e 12	4	12,9%	Não sabe / talvez
14	1	3,2%	Não foi possível identificar

Fonte: os autores, 2023.

Em geral, os informantes ficaram divididos entre afirmar ou não que o cidadão maurilandense possui uma forma própria de se comunicar. Assim, 45,2% responderam que sim, 38,7% responderam que não, 12,9% responderam que não sabiam ou talvez e a resposta de um dos informantes não foi possível classificar. Os resultados nos mostraram que há uma falta de compreensão sobre a caracterização da variedade linguística do português falado na região, motivada na maioria das vezes pelo mito da homogeneidade da língua, (BAGNO, 2009). Visto isso, para interpretação da relação entre crenças e atitudes linguísticas, analisemos algumas respostas apresentadas pelos informantes.

A informante 30 respondeu que: “Sim, cada cidade tem seu jeitinho de comunicar”, o que nos permitiu compreender que o reconhecimento da variedade goiana da língua estabeleceu-se pela relação entre identidade e diferença (SILVA, 2014, p.76). Pela fala da informante, entende-se que há compreensão de que “cada variedade linguística tem suas características próprias, que servem para diferenciá-la das outras variedades” (BAGNO, 2009, p.47). É, inclusive, essa percepção que permite afirmar que o fenômeno da variação diatópica se faz presente. Para Bagno (2009), esta variação se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, o que contribui, no caso da nossa investigação, para a determinação de um dialeto goiano.

Já os informantes 18 e 8 negaram o fato apresentando as seguintes justificativas, respectivamente: “Eu acho que não porque aqui moram pessoas de vários lugares” e “Não, é uma mistura de línguas”. Embora, tenham negado que haja uma forma própria de se comunicar, as explicações ofertadas são de ordens

distintas. Para o informante 18, o fenômeno da variação se manifesta por uma questão migratória, o que se mostrou incoerente com a resposta, pois há identificação por parte do informante de que a língua não seja homogênea, o que também se coaduna à justificativa de 8, que destaca o aspecto da heterogeneidade linguística. Logo, notamos que tanto 18 quanto 8 entendem que há uma variedade linguística no local, o que não percebem é que é esta “mistureba de línguas” que determina uma identidade para o falar da cidade.

Para finalizar, vejamos a resposta da informante 12: “Sim, porém tem muitas pessoas que os pais vieram de fora e aprenderam a fala igual os pais, e com o tempo foi se adaptando aqui e aprendendo a fala igual o povo aqui, por ex falamos muito uai, trem etc”. Identificamos pela fala de 12 que há a negação de uma resposta afirmativa para a pergunta, sinalizada pelo operador argumentativo “porém”. A informante mostra-se consciente de que há uma variedade da língua, mas possui a crença de que algumas palavras como “trem” e “uai” não sejam próprias do dialeto goiano falado na cidade.

A partir das respostas analisadas, verificamos que as atitudes linguísticas dos informantes, até mesmo quando negam que haja uma forma própria de se comunicar, manifestam, pelo crivo da subjetividade, o resultado de suas crenças, conhecimentos e afetos sobre a língua em variação no município. Então, o conhecimento cognoscitivo dos sujeitos analisados permitem, mesmo que de forma não unânime, reconhecer que a variedade linguística se faz presente nesta comunidade de fala e marca sim uma identidade, mesmo quando dizem o contrário. Tal fator, por exemplo, pode ser verificado na fala da informante 8 que utiliza um regionalismo “mistureba” para negar que haja uma marcação identitária pela língua.

Considerações Finais

Considerando que a língua é um sistema heterogêneo, que sofre influências decorrentes de fatores históricos e regionais, podemos dizer que existem diversas variedades da língua portuguesa no Brasil, dessa forma, compreender esse sistema demanda um estudo aprofundado. Por ora, a pesquisa tem nos mostrado que existem mais fatores para se afirmar que o maurilandense possui uma identidade marcada

pela língua, do que o contrário. Assim, pelas respostas analisadas verifica-se que o fenômeno da variação linguística nos permite dizer que a variedade linguística estabelecida na cidade marca sim uma identidade para o sujeito, logo, pensar a relação entre território e língua tem possibilitado reflexões significativas para a nossa pesquisa.

Nessa linha, a nossa iniciativa tem mostrado que a pesquisa em sociolinguística deve ser incentivada, pois nos permite entender o comportamento do sujeito no que diz respeito a sua fala. Assim, a necessidade de se pesquisar mais sobre as crenças e as atitudes linguísticas dos falantes mostra-se como algo pertinente, porque são a partir desses estudos que entendemos a heterogeneidade linguística manifestada no estado de Goiás e no Brasil.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus. Aos meus pais, Gelsimar e Genesilda, que sempre me apoiam e me dão forças para continuar essa jornada. As minhas irmãs, Daiane e Vanusa, que sempre foram o motivo dos meus melhores momentos. Aos meus tios, Rosivaldo e Luzimar, que me ajudam e me incentivam a percorrer meus sonhos. Agradeço também a uma das pessoas mais importantes para a concretização deste trabalho, o meu querido professor e orientador Anderson Braga do Carmo, e as minhas colegas de curso, que tornaram esse trajeto mais leve e divertido.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *In: Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, V.37, N.2, p.105-112, maio-ago. 2008.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Preconceito Linguístico – O que é, como se faz**. 48. Ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BASILIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. *In: Alfa: Revista de Linguística*. São Paulo, V. 40, p.27-46, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994>>. Acesso em: 25 jun. 2023.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p.13-22.

BRASIL. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e estados**. 2021. Disponível em: <<https://ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/maurilandia.html>>. Acesso em: 25 maio 2023.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. Sociolinguística: o papel do social na língua. In: IX Ciclo de Estudos de Linguagem e II Congresso Internacional de Estudos da Linguagem, 2017, Campinas. **Anais do IX Ciclo de Estudos de Linguagem e II Congresso Internacional de Estudos da Linguagem**, 2017. Disponível em: <<https://proceedings.science/ciel-2017/papers/sociolinguistica--o-papel-do-social-na-lingua?lang=pt-br>> Acesso em: 13 dez. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4a ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LACERDA, Willian Ferreira Furtado de; CAVALCANTE, Daiane Aparecida; LUCENA, Rubens Marques. Crenças e atitudes linguísticas da comunidade de fala piranhense à luz da Sociolinguística Variacionista. In: **Revista (Con)Textos Linguísticos**, V. 14, N. 27, p. 1-19, 2020.

LOURENÇO, Dayse de Souza. Crenças e Atitudes no ALiB: Um estudo sobre o corpus oral mineiro. In: IX Sepech - Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, 2012, Londrina. **Anais do IX Sepech**, 2012. Disponível em: <<https://www.uel.br/eventos/sepech/sepech12/arqtxt/resumosonline2012/resumosonlineXSEPECH2012.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. 2.ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p.9-11.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.